

A Geografia Cultural no III Milênio: perspectivas epistêmico-metodológicas e pedagógicas

Marcos Antonio Correia



Educação: teoria e prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Resumo

O artigo reflete sobre mudanças no projeto da sociedade moderna e perspectivas renovadoras dos saberes dentre eles as possibilidades da geografia cultural (III Milênio) assentadas na percepção e representação associada ao subjetivismo e intersubjetivismo da disciplina de geografia. Para tanto, aponta algumas questões metodológicas e pedagógicas da geografia cultural atual, buscando fundamentos fenomenológicos e das representações sociais, para a elaboração de um saber mais humano, transposto a um fazer pedagógico no interior da geografia escolar, o qual poderá contribuir ao projeto da sociedade como um todo. Para isso, volta-se à visão fenomenológica husserliana e merleau-pontyana, assim como a teoria das representações sociais moscovicianas. Essas vem de encontro a uma geografia humanista, à ser constituída e desenvolvida em ambientes acadêmico e didático-pedagógico da ciência geográfica.

Palavras-chave: Geografia Cultural Humanista. Metodologia-Ensino. Percepção-Representação.

The Cultural Geography on the III Millennium: epistemic-methodological and educational perspectives

Abstract

This article proposes a reflection upon the changes on the modern society's project and points out the renewing perspectives of knowledge, between them are the possibilities of the cultural geography (III Millennium) settled on the perception and representation associated to the subjectivism and intersubjectivism of geography. For both, it indicates some methodological and pedagogical questions of the actual cultural geography, searching for phenomenological and social representation grounds for the elaboration of a more human knowledge, transposed to a pedagogical deed in the scholar geography, which can contribute to the project of the society as a whole. For that it recalls the Husserlian and Merleau-Pontyan phenomenological perspective, as well as the Moscovician social representations theory. These perspectives go toward a

humanistic geography to be constituted and developed in academic and didactic and pedagogical environment of Geography.

Key words: Humanistic and Cultural Geography, Teaching Methodology. Perception-representation.

Introdução

O artigo enfoca a geografia no III Milênio, assim como os saberes de modo geral, procura mostrar que a subjetividade e a intersubjetividade podem fazer parte na elaboração e disseminação dos conhecimentos. Pois, o momento de transição dos valores éticos, morais, e estético, principalmente este último, quando se fala de conhecimento científico, levam reflexões e partem de várias áreas de interesse, que por sua vez, na geografia são evidenciadas por meio de questionamentos e reflexões da geografia cultural humanista.

Essa se reveste de novas abordagens e sentidos em seus estudos, os quais prometem amplos e necessários avanços epistemológicos, filosóficos e metodológicos, a servirem de aportes científicos a mesma.

Sendo assim, o artigo aponta para novas perspectivas oriundas dessas transformações, em que o sentimento e a emoção, além da razão entram no circuito do saber, pois o penso para existir, pode ser completado com o sinto e existo para, também, pensar.

Dessa maneira, a ciência adquire caráter mais democrático e mais politizado, sendo organizada e elaborada por mais pessoas que entram em contato com esse conhecimento que esteve e ainda está concentrado nas mãos de parte da sociedade.

Seguindo essa lógica, pode-se dizer que, precipuamente falando, é no ambiente escolar, e neste caso destacando a ciência geográfica, que o conhecimento pode e deve ser encarado e disseminado dentro dessa nova visão, ou seja, usando toda a potencialidade do ser humano para a busca de suas ambições e realizações.

As questões metodológicas e pedagógicas da geografia cultural passam pelo direcionamento dos saberes na contemporaneidade, visto desde a reflexão valorativa da ciência, até a sua forma de divulgação, pois esta existe para ler e interpretar um mundo construído por uma história natural, a qual o próprio homem faz parte e começa a participar efetivamente em determinado tempo e espaço, os quais, de certa forma, acabam fazendo parte de intenso relacionamento imbricado resultando eterno refazer e repensar, os quais são adaptados às novas aspira-

ções e necessidades.

Daí a busca por parâmetros que auxiliem na organização desse mundo vivido, do qual a ciência não consegue, sozinha, montar as suas representações, visto que as representações organizadas pela ciência vêm desse status, ou seja, vem do mundo já constituído dentro da capacidade dos nossos sentidos, mediados pelas apreensões intelectuais e cognoscentes dos indivíduos, inseridos num determinado contexto sócio-cultural.

O Homem ao ser extremamente objetivo, técnico, frio, autômato e “exato”, acaba se afastando de sua essência humana. Essas impressões são detectadas no final do século XX, e estão sendo refletidas, nesse momento, no início do Terceiro Milênio que passam pelas diversas formas de captação, construção e reconstrução dos diversos conhecimentos, convertendo-se em ensino aprendizagem.

A Mudança de Rumo da Sociedade Atual

A sociedade atual evoluiu em muitos seguimentos, mas, por questões sociais e políticas, alguns grupos menores e melhores representados acabaram não respeitando princípios propagados desde a Revolução Francesa, ou seja: Igualdade, Liberdade e Fraternidade, fazendo desses princípios apenas conteúdos teóricos, usados apenas para aumentar a hegemonia e o poder de alguns em detrimento da maioria. Contudo, é importante notar que alguns segmentos dessa maioria, menos favorecida, acabaram se conscientizando e se organizando provocando novas expectativas, solicitando mudanças e tomada de novos rumos à humanidade.

No presente momento, a sociedade moderna passa por alterações em seu projeto humano, pois o homem perdeu sua capacidade de imaginar e criar, por meio do sentir, e segue o caminho do pensar e fazer que o conduziu a grandes avanços, em alguns setores do conhecimento que serviram, pelo menos para parte da humanidade, em determinado momento, os quais hoje já não satisfazem seus anseios.

Inclusive, esse modo de vida, causou e causa desconforto e insatisfação a maior parte dos mais de seis bilhões de pessoas que vivem no Planeta. Sem falar no desgaste dos elementos da natureza que serviram de base para a satisfação das necessidades básicas dos habitantes da Terra.

Todo esse movimento, filosófico e científico, apela à mudanças em seu tratamento, sugerindo novas incursões didático-pedagógicas. Pois nos dias atuais, os titâmes científicos, assentados em base positivista de pensamento

aristotélico, linear e cartesiano, não satisfazem aos apelos dos grupamentos sociais. Pois, até o momento o gênero humano, em sua maioria, não conseguiu se fazer presente e participante nas elaborações epistêmicas dos saberes e muito menos na produção e reprodução do conhecimento.

A conclusão é que a ciência não representa a realidade dos acontecimentos, fatos e fenômenos, além de indicar que o processo de elaboração dos saberes não é simplesmente uma relação sujeito/objeto, mas, se realiza com a participação desses dois elementos, simultaneamente, num contexto causal, temporal e espacial.

Essas transformações são evidenciadas por diversos teóricos e estudiosos dos quais se destaca Capra (1999, p.14-19), quando diz que: atualmente, o mundo está conectado e os fenômenos naturais, sociais e psicológicos estão interligados e cada vez mais interdependentes. Nesse sentido, as elaborações sistêmicas e cartesianas, assim como o pensamento positivista, não satisfazem o equilíbrio individual e social suscitados pela sociedade como um todo.

Nas últimas décadas, é estabelecida condição de profunda crise mundial afetando todos os seguimentos da sociedade delineando crises das mais profundas, interferindo nas manifestações morais, intelectuais e espirituais do ser humano, inclusive, desencadeando perspectivas iminentes, temerárias e realísticas de extinção do gênero humano e dos demais seres vivos do Nosso Planeta.

Portanto, a que se vislumbrar novas formas de elaboração dos saberes, talvez almejando até a união dos diversos níveis de conhecimentos, em busca de causa maior e mais nobre, ou seja, a própria permanência essencial e existencial do ser humano na face da Terra.

Nesse sentido, estruturas filosóficas, epistemológicas e todas as demais teorias, até aqui desenvolvidas, tornam-se, de certa forma, insatisfatórias às novas pretensões e necessidades humanas. Sendo assim, alguns ramos dos saberes apresentam-se como opções colaborativas na evolução de apreensões dos conhecimentos no atual estágio da vida e de tudo ao seu redor.

A Geografia Cultural: Novas Perspectivas

O novo milênio iniciado no século XXI, apresenta tendência à transição, reestruturação e evidente metamorfose no projeto arquitetado pela sociedade desde os séculos XV e XVI, até o presente momento. Levando o homem à repensar toda a sua produção nos diversos saberes que permeiam a sua existência.

A geografia em seu viés cultural se mostra pertinente, pois segundo Corrêa

(2005, p.287), a partir dos anos de 1980, ela é revitalizada ao mesmo tempo que as diferenças culturais tornam-se mais freqüentes. Contudo, o status tradicional da geografia cultural, ancorados na geografia alemã com Passarge e Schlüter, na França com Vidal de la Blache, Brunhes e Max Sorre; sofre renovação nos Estados Unidos com Sauer que impulsionou a Geografia Cultural e inspirou a Escola de Berkeley, a qual se insurgiu, em meados da década de 1920, ao determinismo ambiental.

Na mesma obra, Corrêa (2005, p.288-89) destaca a amplitude de temas passíveis de serem tratados culturalmente, mas coloca que atualmente a geografia cultural concentra-se em: estudo da paisagem cultural, a evolução cultural espacial, ecologia cultural ou o estudo da ação humana e suas alterações ambientais. Destaca que desde os anos de 1960, até hoje, desenvolve-se preocupação crítica em relação à aspectos espaciais da cultura.

O autor mostra preocupações de ordem conceitual como a criação e transmissão de elementos culturais por meio da difusão tecnológicas, atitudes, idéias e valores; relação de composições materiais, sociais, racionais e simbólicas, vivenciada individualmente, mas, presente no conjunto da sociedade que revela diferenças estruturais em relação à cultura popular e a elite dominante ocasionando contraculturas.

Nesse sentido, Corrêa (2005, p. 290) destaca as palavras de Cosgrove quando diz que, geograficamente, a paisagem possui aparato simbólico que contém a apropriação e transformação da natureza, da qual significados são comunicados por meio de linguagens passíveis de serem estudadas pelos geógrafos. Essas modificações ambientais, geralmente refletem ações de domínio de grupos privilegiados. Destaca a ocorrência de percepção ambiental e cultural e representações simbólicas dos espaços geográficos organizados pelos grupos sociais.

Contudo, segundo Bailly (1995, p.155) tanto na geografia, como em outras áreas do conhecimento, tudo parece progredir através da revolução que na realidade não se caracteriza como tal, mas pode ser analisada como adaptação a um novo modelo. O humanismo na geografia segue este mesmo caminho evolucionista: nem revolução, nem mudança/desordem, porém, antes de tudo uma alteração nos estados de espírito, ampliação dos pontos de vista e dos métodos.

Bailly (1995, p.155) lembra que a abordagem humanista em geografia não se contenta em estudar o homem que raciocina, mas também, aquele que

experimenta os sentimentos que reflete e cria. Pois, toda a divisão rígida entre o mundo objetivo exterior e o mundo subjetivo interior é rejeitada, já que o mundo encontra sua coerência nos conceitos estruturadores constituintes de extensão e consciência.

Desde que o sujeito esteja envolvido no processo de conhecimento, não há separação entre fatos e valores. Portanto, descrever e compreender, insistindo sobre a empatia com os homens, tais são os objetivos principais da geografia humanista. Ele diz que para cada indivíduo, o universo se compõe dele mesmo de um domínio que lhe é inicialmente estranho, mas que ele procura dominar fisicamente e intelectualmente baseado nos conceitos de ser/estar e conhecer-se os quais estão indissoluvelmente ligados.

Segundo Bailly (1995, p.155), o vivido e toda a carga geográfica e conceitual que permeia esta concepção sintetiza as relações muito complexas dos homens e seu espaço de vida: material, ecológico e psicológico. Esse integra o próprio olhar dos geógrafos sobre as sociedades e as regiões que estudam, o qual o olhar do geógrafo nunca é verdadeiramente neutro. O espaço vivido é também o espaço do observador.

Portanto, à geografia cultural pode parecer um jogo complexo de espelhos, onde o homem envia, do espaço onde vive, sua própria imagem e a imagem dos outros, e vice-versa, tornando-se participante e participe do seu mundo em seu cotidiano.

Sobre esses novos tempos, ditos por (Gomes, 1996, p.19-21) como pós-modernos, iniciam-se nos anos setenta do século XX, uma nova preocupação, preferencialmente de ordem estética. Esta preocupação na visão do autor, não deixa de lado o monumentalismo existente na época, suas respectivas técnicas e materiais consagrados pelo modernismo.

Gomes (1996, p.19-21), diz que o pós-modernismo afasta-se do universalismo e das generalizações que embasaram e embasam o modernismo, pois estabelece outras formas de legitimidade diferenciando-se da racionalidade a qual expurgou o sentimento. Contudo, renovadas concepções estéticas e artísticas inauguram visões diferenciadas de espaço e tempo, tornando-se relativas e mutáveis constituindo-se em reformuladas "Unidades Fenomenológicas".

O autor supra citado, diz que na ciência, a iniciativa mais evidente é a teoria anarquista de Feyerabend, pois este diz que: os instrumentos metodológicos convencionais são inconsistentes e a hegemonia da razão, e o mito, equiparam-se na sua condição epistemológica, valorizando o particular e o único advindo do

sujeito e seu mundo.

No que concerne ao pensamento de Capra (1999, p.35-37), a razão e a intuição são maneiras indissociáveis no funcionamento do cérebro humano. A primeira é concentrada, analítica e linear. Já a intuição parte da realidade do vivido e não pensado, privilegiando a percepção consciente.

Isso provoca cisão entre matéria e espírito, levando a um pensamento mecanicista, reduzindo e separando os elementos seccionando a natureza. A mesma estende-se aos organismos vivos caracterizados como máquinas formadas por peças disjuntas.

Esta visão ainda ocorre na estrutura básica das ciências, exercendo grande influência em nossas vidas, provocando separação das disciplinas acadêmicas, bem como contribui para percepções fragmentadas de políticas de governos e de entidades responsáveis pelo meio ambiente.

Como reflete Capra (1982, p.44), a maior parte dos ramos científicos segue os princípios da física clássica, aceitando o reducionismo e o mecanicismo da mesma. Mesmo os economistas, psicólogos e sociólogos acabam aderindo, quase naturalmente à física newtoniana, quando na tentativa de tornar científicas suas teorias.

Esse enfoque teve importância para o assentamento da sociedade moderna ocidental arquitetada por dois personagens: Descartes e Newton. O primeiro com sua conhecida premissa “Cogito, Ergo Sum” (Penso Logo Existo), deduz que a essência humana está no pensamento e que o conhecimento correto é adquirido pela intuição e dedução, caracterizando-se em instrumentos imprescindíveis à edificação do pensamento e conhecimento humano.

Seguindo o pensamento de Capra (1999, p.56-58), o universo material em Descartes constituía-se em máquina, desprovida de espiritualidade ou vida, funcionando por intermédio de leis mecânicas explicadas por meio de movimentos de suas partes.

Com esse pensamento mecanicista ele tenta constituir parâmetros à ciência natural, estendendo essa concepção dos organismos vivos, plantas e animais considerados máquinas à espécie humana envolvida por alma racional ligada ao corpo pela glândula pineal. Newton continua o pensamento de Descartes, matematizando a concepção mecanicista da natureza; sintetizando, inclusive, além de Descartes, as obras de: Copérnico, Kepler; Bacon e Galileu.

Diante do exposto, torna-se visível a necessidade de uma reestruturação dos ideais humanos partindo-se de uma reeducação de seus saberes e uma

revisão de suas capacidades e possibilidades que atendam essas necessidades, subjugadas e proteladas, como já ditas, por parte da sociedade, que não levou em conta o todo na execução de seu projeto de vida desde a modernidade.

Nesse sentido a geografia cultural humanista apresenta-se com alternativa palpável a tal intento, realçando o sentimento ao pensamento na realização do conhecimento. Nesse contexto Claval, argumenta que:

O conteúdo das mensagens trocadas não pode geralmente ser compreendido fora do contexto onde se encontram os parceiros. Esta perspectiva sublinha que a cultura é antes uma realidade de escala local: de um círculo de interação a outro, trocas têm lugar; equivalências se desenvolvem, de modo que a comunicação seja possível, porém nem tudo é transmitido. Não existe compreensão real dos processos culturais se negligenciamos o jogo da intersubjetividade. Assim concebida, a cultura não aparece como uma totalidade (...). Ela resulta de um processo de construção sem fim, levado a cabo pelos indivíduos. A cultura incorpora, assim, valores. (...) O mundo real é duplicado por mundos imaginados, que são indispensáveis para lhe dar sentido e aparecem freqüentemente como mais autênticos do que aqueles que nossos olhos desvelam. Esses algures afloram em certos lugares. Se a geografia cultural se dedica à experiência que os homens têm do mundo, da natureza e da sociedade, ela deve partir daquilo que os seus sentidos lhes revelam. (...). A cultura não fala somente do espaço; ela fala também da natureza. Ela o toma simultaneamente como um meio a dominar para extrair aquilo que é necessário à existência e como um conjunto carregado de sentidos. (Claval, 1997 p.95-102).

Possibilidades Inovadoras da Geografia Cultural: a percepção e representação

Visando essa participação é que se apresentam algumas possibilidades epistemológicas e pedagógicas da geografia cultural humanista, revelando percepções fenomenológicas nas representações geográficas, como instrumentos apropriados na elaboração e disseminação do conhecimento humano em sua ordem científica.

Portanto, na contemporaneidade os saberes da ciência, no geral e da geografia em particular, se posicionam pontuando necessidade de adaptação do projeto humano em ambiente científico e pedagógico, ressaltando que essa visão positiva, assim como o mecanicismo que formaram alma-racional e corpo-mecânico devem contar, também, com os sentimentos mais puros da alma humana.

Ao mundo relaciona-se a atividade da vida cotidiana, assim como o conjunto das ciências, as ciências de fato de forma imediata, as ciências apriorísticas de forma mediata como instrumentos de método. A existência do mundo ocorre por si; ela é de tal forma natural que ninguém pensará em enunciá-la explicitamente numa proposição. (...) No que concerne ao primeiro ponto, fica claro que a experiência sensível universal, na evidencia da qual o mundo nos é perpetuamente dado, não saberia ser considerada sem mais como apodíctica, ou seja, como excluindo de maneira absoluta a possibilidade de sua não-existência. (...) A existência do mundo, fundamentada na evidencia da experiência natural, não pode mais ser para nós um fato que ocorre por si; ela em si não é para nós mais que um objeto de afirmação. (Husserl, 2001, p.34-5).

No que tange a Merleau-Ponty (1999, p.01), a fenomenologia destaca as essências, que coloca as mesmas na existência dizendo que o palpável sempre existiu “ali”, antes do pensamento, no qual as abstrações do mundo - os “vividos” — sistematizam em exercício descritivo da vida cotidiana tal como ela ocorre, pois a experiência deve ser registrada e não elaborada ou constituída. Portanto, analisando o exposto, pode-se deduzir que as manifestações filosóficas fenomenológicas aproximam-se da natureza epistemológica da ciência geográfica, principalmente da geografia cultural humanista.

Aqui cabe idéias bachelardianas, no seguinte sentido: “A reflexão filosófica que exerce sobre um pensamento científico longamente trabalhado deve fazer com que a nova idéia se integre em um corpo de idéias já aceitas, ainda que a nova idéia obrigue esse corpo de idéias a um remanejamento profundo”. (Bachelard, 2003, p.01-2).

Isso ocorre nesse momento de transição dos saberes contemporâneos. E nesse aspecto a filosofia da poesia, não apresenta passado, pelo menos um passado muito longínquo o qual favorece a singularidade das coisas observadas, pois “o poeta não me confere o passado de sua imagem, e, no entanto ela se enraíza imediatamente em mim. A comunicabilidade de uma imagem singular é um fato de grande significação ontológica” (Ibidem, 2003, p.2).

O ponto colocado por Bachelard se referindo a poética e a imagem em nível fenomenológico, também enriquece as questões epistêmico-metodológicas da ciência e sua decorrência pedagógica, que por sua vez reforçam o apresentado até o presente momento, principalmente, quando valoriza o vindo da alma e do coração, assegurando que essas se manifestam antes do pensamento e por dedução, diz-se que o auxiliam em sua organização.

No que tange ao ensino de geografia, é fundamental colocar que obedecendo enfoque fenomenológico, não se observa muita dificuldade em se trabalhar as representações em momento subsequente a percepção, que se coloca preferencialmente a priori.

É preciso evitar os conceitos e representações pré-concebidas e prescritivas, na intenção de privilegiar o indivíduo e sua bagagem cultural, assim como seus sentimentos, intenções e vontades. Portanto, se estabelece os dois momentos cruciais para a concretização de um modelo metodológico que venha a atender as necessidades das práticas pedagógicas desenvolvidas no ensino de geografia.

A fenomenologia foi concebida por Edmund Husserl (1859-1918) (...) prioriza a percepção e entende que qualquer idéia prévia que se tem sobre a natureza dos objetos deve ser abolida. (...) O objetivo, perseguido por Husserl, foi fundar uma nova base racional para a ciência, buscando captar a essência das coisas por meio da compreensão que nega o subjetivo e o relativismo, afirmando o mundo vivido como possibilidade de viver a experiência sensível e de simultaneamente poder pensá-la de forma racional. (...) Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) centrou-se na discussão da relação entre natureza e consciência, considerando que a relação do homem com o mundo se constitui pela percepção. (...) Acima de tudo, é preciso ressaltar que a fenomenologia consiste num método e numa forma de pensar, nos quais a "intencionalidade da consciência" é considerada chave. (...) A Geografia de inspiração fenomenológica apresentou, no cenário da disciplina, a discussão das representações que os homens fazem do mundo. Isso porque, ao mesmo tempo que o espaço é vivido e percebido de maneira diferente pelos indivíduos, uma das questões decisivas da análise geográfica que se coloca diz respeito às representações que os indivíduos fazem do espaço. (Lencioni, 2003, p 149-52)

Neste instante, inspirado em concepções husserliana e merleau-pontyana, bem como mediante ao indicado, ressalta-se que a geografia cultural, pela sua estrutura teórica, dentro do humanismo, pode sustentar instrumentalmente e apresentar significativa contribuição aos conhecimentos geográficos, através da descrição subjetiva, em contexto situacional e intencional. Este devidamente suspenso, realizado por meio de elucubrações idiossincráticas, ônticas e dialógicas do ser humano.

Assim como, refletir as mudanças sócio-culturais e científicas e as adaptações que a geografia fenomenológica, seu método e seu caráter pedagógico possam oferecer ao desenvolvimento humano, a ser assegurado por meio do

ensino formal da disciplina de geografia nos dias atuais, evidenciadas e indicadas mediante instâncias legais da estrutura educacional que busca, além do ambiente local e nacional, uma consonância aos apelos mundiais ao qual o processo de globalização se inspira.

Nesse sentido é importante destacar as palavras de Morin, na obra de André (1998, p.31-32), quando esse diz que estamos diante de um modelo de realidade, que apresenta um duplo objeto real, que o sujeito pode enriquecer, completar, corrigir, retrabalhar, ao sabor das experiências sensíveis e das necessidades. “A representação é outra coisa que um reflexo quase-ótico da realidade percebida (...). Ela é ao mesmo tempo uma tradução e uma construção”. Assim definida, a representação é ao mesmo tempo conhecedora (*connaissante*), ela permite ao sujeito se apropriar do mundo exterior e conhecível (*connaissable*), já que ela se acompanha de palavras e de idéias comunicáveis.

André (1998, p.31-32) continua relatando que esse modelo se estrutura sobre um objeto ausente fisicamente e que vem à lembrança, seja a partir de uma reprodução, imaginação tomando o lugar do real pelo resgate de uma lembrança, ou seja, a partir de partes retiradas da realidade. O objeto pode ter sido anteriormente percebido; produto das idealizações criadoras da representação.

André (1998, p.31-32), destaca entre estas elaborações cognitivas, a imagem que constitui uma modalidade de representação mental, que tem como característica conservar a informação perceptiva sob uma forma que possui um grau elevado de similitude estrutural com a percepção. A imagem é uma forma de representação que resulta de uma abstração.

Toda as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações. (...) Sempre e em todo o lugar, quando nós encontramos pessoas ou coisas e nos familiarizamos com elas, tais representações estão presentes. A informação que recebemos, e à qual tentamos dar um significado, está sob seu controle e não possui outro sentido para nós além do que elas dão a ele. (...) podemos afirmar que o que é importante é a natureza da mudança, através da qual as representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade. É dessa maneira que elas são criadas, internamente, mentalmente, pois é dessa maneira que o próprio processo coletivo penetra como o fator determinante, dentro do pensamento individual. (...) Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. (...) Ao criar representações, nós somos como o artista, que se inclina diante da estátua que ele esculpiu e a adora como se fosse um deus. (Moscovici, 2003, p. 40-1).

O Subjetivismo no Ensino da Disciplina de Geografia

Olhando pelo lado pedagógico e didático da geografia cultural humanista, fica mais fácil entender e até justificar a subjetividade em relação ao conhecimento. Já pelo lado científico as críticas são contundentes, mas de certa forma precipitadas, pois o tema deve ser debatido com mais afinco e rigor. Nesse caso, podem-se citar as palavras de (Kozel, 2002, p.228), quando diz que para se perceber a subjetividade das pessoas, tem-se que remontar as representações mundanas das mesmas. Portanto, as representações tornam-se fundamento das ações as quais pressupõem conhecimentos e não somente um processo de aprendizagem.

Bailly (1990, p.10), quando se reporta ao subjetivo, de onde vem o imaginário e a representação, diz que esse é constantemente descartado por causa de nossa identidade racional cartesiana que exalta a objetividade e o pensamento funcional e desdenha toda a manifestação subjetiva e o emocional.

Por esse caminho, o autor tenta aproximar o ensino da geografia à ciência, atitude compartilhada na elaboração deste artigo. Isso é observado, quando estimula a ligação do imaginário ao conteúdo científico e seu respectivo conteúdo trabalhado no ensino de geografia. Na seqüência, diz que o conteúdo geográfico sistematizado não é tudo e a subjetividade e as representações sociais, assim como o imaginário devem estar em estreita afinidade com o saber científico.

Embora essa relação de ensino da disciplina geográfica escolar, por meio das representações e a produção científica que a embasa estejam em consonância com esse texto, é importante notar que, além das representações proporcionadas pelo conhecimento geográfico, tem-se a intenção de destacar a subjetividade e a percepção do espaço vivido, em outras palavras o cotidiano do indivíduo e sua forma de apreensão.

A percepção individual de cada pessoa, seguida das interações perceptivas organizadas mediante atividades elaboradas por elas, mediadas pelo professor, devem ser o ponto de partida para a prática educativa, que num primeiro momento deve contar com a fenomenologia, que oferece aporte à geografia, mesmo com algumas ressalvas científicas, mas muito próximo de uma elaboração metodológica e didático-pedagógica.

Como a fenomenologia discute o percebido, o vivido, através do sentido e subjetivamente concebido. Pode-se depreender que estes fundamentos – já identificados por alguns geógrafos humanistas, fenomenológicos e da percepção podem enriquecer

a construção epistemológica e metodológica da geografia, principalmente no que diz respeito a categorias como lugar, espaço vivido e paisagem, dinamizando até outros fundamentos da ciência geográfica. (Correia, 2006, p. 69).

Considerações Finais

Fica evidente a necessidade de se pensar em adaptações teórico-metodológicas e pedagógicas, pois diante da mudança de rumo da sociedade atual, os atuais instrumentos não satisfazem a tal apelo. Nesse sentido, a geografia cultural, por meio da percepção e representação apresenta novas perspectivas, advindas do subjetivismo e intersubjetivismo, os quais contemplam o individual e o coletivo na elaboração e disseminação dos saberes.

Nessa sucinta reflexão, pode-se destacar que a fenomenologia, tida também como construída em representações primeiras realizadas através de percepções, traz em si uma pedagogia diferenciada, a qual parte de modelo husserliano baseado na suspensão intencional e situacional dos eventos, para posterior e se necessária, comparação e construção de formas e visões diferenciadas em relação ao mundo em seu cotidiano. Essa forma de abordar as impressões acaba se materializando nos conhecimentos geográficos por meio de descrição, inicialmente subjetiva e na seqüência intersubjetiva dos seres em seus mundos e vidas.

É importante ressaltar que somente a percepção fenomenológica, embora substancial, não é suficiente para tratar a totalidade do problema pedagógico da geografia. Neste sentido, o artigo sugere a intersecção, do método fenomenológico de Husserl, “repensado por Merleau-Ponty” junto à teoria das representações sociais de Moscovici.

Neste particular, ressalva-se a ausência de abordagens e técnicas que atendam a esta prática didático-pedagógica, dentro da geografia, enquanto disciplina escolar, as quais suscitam intervenções, à serem elaboradas, principalmente na observação do cotidiano da escola e na vivência dos educandos.

Referências

- ANDRÉ, Yves. *Enseigner les représentations spatiales*. Paris: Anthropos, 1998. 254p.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 242p.
- BAILLY, Antoine; SCARIATI, R. *L' Humanisme en Géographie*. Paris: Anthropos, 1990. 172p.
- BAILLY, Antoine et al. *Géographie Régionale et Représentations*. Paris: Anthropos, 1995.115p.

CAPRA, Frijof. *O Ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. (Trad.) Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix. 1999. 449p.

CLAVAL, Paul. *As Abordagens da Geografia Cultural*. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa Gomes; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). Rio de Janeiro: Bertrand. 1997. p.89-117.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias Geográficas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 304p.

CORREIA, Marcos Antonio. Ponderações Reflexivas Sobre a Contribuição da Fenomenologia à Geografia Cultural. *RA' EGA (UFPR)*. Curitiba, v.11, p.67-75, 2006. Editora UFPR.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996. 366p.

HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. (Trad. Frank de Oliveira). São Paulo: Madras, 2001. 276p.

KOZEL, S. As representações no geográfico. In: MENDNÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). *Elementos de epistemologia da geografia contemporânea*. Curitiba: Contexto, 2002. p.215-232

LENCIONI, Sandra. *Região e geografia*. São Paulo: EDUSP, 2003. 222p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. (Trad.: Carlos Alberto Ribeiro de Moura). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. (Trad.) Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 404p.

Enviado em nov./2008
Aprovado em ago./2009

Marcos Antônio Correia
Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Paraná
e Prof. do Departamento de Geografia da FAFI - Faculdade
Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória
E-mail: korreya@uol.com.br
